

EDITORIAL

Apresentamos aos nossos leitores uma síntese dos artigos deste número.

Quem é quem na "Parábola do Último Juízo" (Mt 25, 31-46)?

Johan Konings pergunta: Quem é quem na cena do Último Juízo? E responde: Conforme a interpretação comum, Mt 25, 31-46 poderia conter o ensinamento de que todos os povos serão julgados de acordo com as suas obras de caridade em favor das pessoas necessitadas. Expomos aqui a opinião contrária de D. Gewalt (1973), que descobre uma autocompreensão sectária da igreja mateana; a opinião de Lambrecht (1972 e 1976), que interpreta o critério do julgamento como as obras boas feitas em favor dos missionários cristãos; e a reafirmação da exegese comum por Wilckens (1975). A nossa própria análise nos leva à conclusão de que o nosso texto, ao reafirmar a idéia judaica da representação de Deus pelos indigentes, atribui aos *elakhistoi* (os "insignificantes") a qualidade de "irmãos" do Senhor, com um caráter universal – pelo menos na redação final de Mateus. O ponto em foco poderia ser a bondade (*hesed*) absoluta e gratuita de Deus, independente de categorias religiosas, e que deve ser imitada pelo homem, enquanto critério de julgamento. Em confronto com a expectativa social, existencialista e materialista, explicitamos a opinião da nossa leitura universalista, mostrando que, através da caridade em favor das pessoas "insignificantes" (também sociologicamente), o homem realiza a autenticidade da sua existência frente ao Outro, dá lugar a uma real exteriorização e supera qualquer manipulação egocêntrica (sociológica ou caritativa).

Hermenêutica de los Documentos Sociales del Magistério y Praxis de la Liberación. Ricardo Antoncich, conhecendo a importância da hermenêutica para a reflexão e para a vida, apresenta na primeira parte do artigo quatro critérios hermenêuticos para ler e interpretar os documentos sociais do Magistério a partir da realidade latinoamericana. Uma vez que nesta realidade encontramos a práxis da libertação, o autor, para evitar ambigüidades, esclarece na segunda parte o que entende por práxis, para poder situá-la dentro da teologia e especificamente na teologia da libertação. Esta parte conclui com uma confrontação entre práxis cristã e práxis marxista. Na última parte do artigo o autor estabelece a relação entre a práxis da libertação e a interpretação do magistério social. Tenta principal-

mente mostrar a contribuição positiva da práxis da libertação frente ao magistério. Sintetiza esta colaboração em torno a três pontos: a propriedade privada, a luta de classes e o ateísmo.

O homem e o modelo sócio-econômico. Roque Lauschner tenta realizar uma reflexão sintética sobre uma problemática muito abrangente que jamais será esgotada. Trata-se de fundamentar a necessidade de as pessoas dedicarem toda a sua vida na construção de uma sociedade que coloque o homem como centro da história, considerando-o em sua dimensão imanente e transcendente. Recorre ao método dialético tanto na análise do fenômeno social, como do ser do homem. A suposição é que o particular não tem sentido em si a não ser colocado no universal. O método dialético detecta o particular, determina o todo ou o universal, que é dado como condição de possibilidade do particular, e volta ao particular compreendendo-o no todo. Este método é válido quando utilizado na análise de um único sujeito, como o capitalismo, e também quando — filosófica e teologicamente — é determinado o horizonte mais abrangente ou ilimitado que explique o sentido de todo e qualquer real.

O estudo esquemático concentra-se inicialmente na análise da mercadoria, mostrando as condições de possibilidade da existência da mesma. Depois analisa o homem em sociedade, determinando — filosófica e teologicamente — as condições últimas de possibilidade da ação humana na história. Estabelecido este horizonte, o estudo volta à mercadoria e às condições de possibilidade da mesma, definindo alguns juízos de valor, ou seja, alguns objetivos necessários da construção da sociedade.

A Redação.